

CONSTRUÇÃO MARCADA POR ATRASOS

A história da maior obra em andamento no Distrito Federal pode ser contada em capítulos extraídos da biografia dos três candidatos ao Palácio do Buriti nas próximas eleições: José Roberto Arruda (PSDB), Joaquim Roriz (PMDB) e o atual governador, Cristovam Buarque (PT).

Os primeiros esboços do projeto e o início das escavações dos túneis — em 1992 — foram acompanhados de perto por Arruda, que na época estava à frente da Secretaria de Obras do governo de Roriz (PMDB).

O ex-governador chegou a marcar a inauguração do projeto para o dia 21 de abril de 1994. Mas os R\$ 713 milhões — gastos na construção dos primeiros túneis e de um viaduto — não foram suficientes para garantir o

cumprimento da promessa, em pleno ano de disputa eleitoral.

Quando tomou posse, Cristovam Buarque assumiu os buracos, sem conseguir escapar à rotina de adiamentos que marcou as obras do Metrô. Em novembro de 1996, o governador anunciou a inauguração da primeira etapa — que liga Samambaia e Taguatinga ao Zoológico — para o início de 1997. Também não cumpriu e hoje evita falar em datas.

Como também ainda não há prazo para o desfecho do capítulo mais triste da cronologia do Metrô. No dia 17 de janeiro desse ano, um bate-estacas da empresa Geoservice — que trabalhava na Estação 21, em Taguatinga — desabou sobre um ônibus que passava na avenida Elmo Serejo. Três pessoas morreram. A 12ª Delegacia de Polícia abriu inquérito, mas somente este mês receberá o laudo do Instituto de Criminalística. A Procuradoria do Trabalho também investiga o caso. Mas três meses depois do desastre, ninguém foi responsabilizado.